

Considerações iniciais

O presente artigo discorre sobre uma pesquisa cartográfica, bibliográfica, desenvolvida no mestrado profissional, do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais, pela Universidade Federal do Sul da Bahia, Campus Jorge Amado, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, na comunidade de Maragogipinho/BA e entremeada por narrativas escreviventes, elaboradas por mim tendo como base os encontros tidos com Seu Nené e o santeiro Emanuel, Mestres Ceramistas. Um lugar fundado na ancestralidade indígena-luso-africana, na qual o/a artesão/ã em convergência com o conceito de *Notório Saber* (CARVALHO, 2016) é sujeito constituído na, e constituinte da, tradição secular, com saberes ceramistas herdados de índios e negros e os modos inventivos de ensino e aprendizagem artesanal.

É uma pesquisa-criação e fundamenta-se na perspectiva das pedagogias culturais, que preservam e refletem culturas e comunidades e dialoga com a dimensão epistêmica e pedagógica do Encontro de Saberes (CARVALHO, 2016; 2019). Busco nesta proposta, apresentar o processo de cartografar a memória narrativa de um oleiro(mestre) e um santeiro(mestre) ceramista de Maragogipinho, distrito de Aratuípe/BA.

No desenrolar do estudo de mestrado e com o propósito de ver nossa pesquisa numa perspectiva circular, foi importante nos empenharmos sobre leis, programas, associação em comunidade tradicional, referências bibliográficas, como “Cartografia como método de Pesquisa” (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013; ALMEIDA; JUNIOR, 2013; CARDOSO; ROMAGNOLI, 2019), articuladas com pesquisas sobre “Afrocentricidade” (ASANTE, 2009), a “Pedagogia artesã” (ALVARES, 2015, 2019; PEDAGOGIA..., 2017), assim como a respeito da importância da pedagogia artesã ligada ao artesanato.

As olarias e os vários enredos das peças (artefatos) da arte do barro e da memória narrativa dos/as mestres e mestras de Maragogipinho são espaços abertos à educação dialógica e ao encontro com a cultura popular tradicional.

O fato de a comunidade ser muito visitada por escolas públicas e privadas fortaleceu a opção pela elaboração de dois livros que caracterizam-se como produtos educacionais², Esses materiais servirão como material didático que poderão ser usados por unidades escolares da região do Baixo Sul da Bahia.

¹ Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia IF Baiano (EBTT) de Língua Portuguesa e Espanhola, no Instituto Federal Baiano (IFBAIANO), *campus* Valença. Mestra em Ensino e Relações Étnico-Raciais do Programa de Pós graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais, da Universidade Federal do Sul da Bahia (PPGER/UFSB). Graduada em Letras e Artes pela Universidade Estadual de Santa Cruz- UESC (2004); Especialista em Leitura, Interpretação e Produção textual pela Faculdade do Sul - FACSUL(2007) e Especialista em Educação a Distância pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB(2010). Membro do grupo de Pesquisa Linguagens, Culturas e Ambientes(GLICAM). Co-autora dos livros *No amassar do barro: livro-encontro com mestres ceramista de Maragogipinho* (2023) e *No amassar do barro: aulas-vivências e pedagogia artesã* (2022); uma das organizadoras das obras *Mãos que inspiram poesia – a arte de Maragogipinho* traduzida em versos e ilustrações (2018; 2020) e *Poesias no Jardim* (2019). Email: joseaneasantana@ifbaiano.edu.br

Como trajetória argumentativa, este artigo traz, no primeiro momento, uma breve apresentação do território de pesquisa- a comunidade artesã de Maragogipinho/BA e discorrer sobre o artesanato como resistência; em seguida, é apresentado as narrativas de encontro com mestres ceramista deste distrito; depois, uma sucinta discussão do que sejam pedagogias culturais e, por fim, uma breve apresentação dos dois livros co-autorais (produtos educacionais apresentados ao mestrado) com os Mestras e Mestres de Maragogipinho.

Maragogipinho: uma comunidade tradicional artesã com marcas identitárias afro-indígenas

O universo do barro que estamos retratando neste artigo refere-se a Maragogipinho, um vilarejo pertencente ao município de Aratuípe, próximo à cidade de Nazaré, situado a 220km de Salvador; é o maior produtor de cerâmica da América Latina, com aproximadamente 206 olarias, presentes desde os quintais das casas até a praça, onde se concentram em maior número.

Esse ambiente fecundo, educativo e cíclico, em sua essência e cotidianidade, traceja marcas identitárias específicas e materializa-se como labor tradicional, resistente na sobrevivência em meio à contemporaneidade, com técnicas de ensino estruturadas pelo tempo da Tradição, porém não legitimadas pelas culturas hegemônicas (ÁLVARES, 2015). Nos estudos apresentados por Álvares (2015) sobre o labor artesanal em Maragogipinho é ressaltado um dos processos que todo artesão do barro vivencia cotidianamente: o processo de repetição, que se inicia no ambiente familiar, de geração em geração e de maneira ininterrupta.

Maragogipinho é um lugar rico culturalmente, mas o que faz atestar tal afirmação? Um dos tópicos elementares e reais é a questão da herança afro-indígena exteriorizada no movimento diário das olarias visitadas, a variedade de peças produzidas para múltiplas finalidades, as peculiaridades do vilarejo, as memórias dos moradores, os apelidos de oleiros, o lapidar do barro dentro e fora das olarias, o minucioso trabalho dos poucos santeiros que moram na comunidade; o brunir e pintar das brunideiras na confecção das peças, a circulação das crianças dentro das olarias, que desde cedo convivem nesses espaços, que também são ambientes de aprendizagem dessa arte, a participação na Feira de Caxixis, na cidade vizinha de Nazaré, dentre outros. Desse modo, o que faz de Maragogipinho um universo artístico-poético,

² Como produtos educacionais oriundos da pesquisa de mestrado, apresentou-se uma montagem transcritiva de dois livros, em coautoria com os artesãos pesquisados, a saber: um livro pedagógico, para ser entregue às escolas da comunidade, intitulado: “No amassar do barro: aulas-vivência e pedagogia artesã”, e um livro para a comunidade, intitulado: “No amassar do barro: livro-encontro com mestres ceramistas de Maragogipinho”, a ser entregue aos artesãos e artesãs da comunidade.

constituído pelos conhecimentos sobre o barro é justamente o seu método particular de conservação e de progresso de uma herança sócio-histórico-cultural.

As narrativas de encontros

Neste segundo momento, intitulado de “As narrativas de encontros”, descrevo um pouco a maneira pela qual dialoguei com dois mestres ceramistas, seu Nené e o santeiro Emanuel, e, a cada passo, os aprendizados adquiridos. Vale destacar que tais aprendizados foram viáveis em razão dos diálogos sobre as histórias de composição da comunidade, do lugar reaproveitado para aquisição da olaria, do tipo de argila que tinge, das ferramentas utilizadas, da rede de pesca ao lado contrário do torno, da louçadeira presente na bancada. Todos esses elementos foram fundamentais para entender, pois os mestres já têm suas próprias estratégias para a eficácia na preparação do barro, na constituição das peças, bem como na secagem, no brunir (serviço hoje terceirizado em muitas olarias), na pintura das peças, quando eles se deparam frente ao desafio de se reinventarem para criar e comercializar.

O relato das escrevivências aqui não são dos artesãos com que tive contato; reforço neste espaço que as escrevivências são minhas, baseadas nas visitas que fiz como docente, como mãe, como filha, como esposa, como mulher negra que não esconde ou disfarça seu encantamento, sua paixão por Maragogipinho, e como eles foram receptivos, nesses quatro anos de encontro. Em resumo, um processo repleto de aprendizagens ímpares.

Tomo como metodologia condutora a escrevivência pensada por Conceição Evaristo (2005; 2017). Inspiro-me nessa linha, de certa forma, não para transcrever, mas para transcriar de maneira narrativa os meus encontros com os artesãos, ao passo que ficcionalizo essas narrativas, dando uma noção para quem as leia de como apreendi o que eles me disseram e como elas fizeram sentido para mim, a ponto de destacá-los como protagonistas de suas próprias experiências.

Os encontros com o oleiro Elísio Nazaré de Almeida, o Seu Nené

A narrativa que constitui o relatório da pesquisa empírica contém a relevância científica neste artigo, que se revela nos registros de memória desses artesãos, o que possibilita o desenvolvimento de uma investigação fundamentada por uma variedade de linguagens e significados, para que essa integração possa contribuir para a continuação e valorização do patrimônio cultural da comunidade através das gerações.

A partir dos encontros, Seu Nené apresenta um pouco a sua vida e é pelo que ele me contou de si mesmo, que vou adentrando neste universo. Ao retratar sobre os pais não trazerem seus filhos mais para dentro das olarias, como acontecia antes, permite que reafirmemos o pressuposto de que a atual geração da comunidade é um motivo de preocupação latente para os artesãos mais experientes, já que esse afastamento reflete diretamente na perpetuação das performances ceramistas — que mais se assemelham a rituais, por trazerem histórias da comunidade, entendimentos, oralidades e, bem como os saberes e fazeres recebidos dos seus ancestrais, que caminham para o fim de uma tradição secular.

Todo o processo de ensino-aprendizagem que ocorre dentro das olarias desta comunidade é fundado na ancestralidade afro-indígena, justamente no ato de repetição secular inventiva, do fazer cerâmica. O movimento da “Pedagogia artesã” (ÁLVARES, 2015, 2019; ANDRADE, 2015, 2019; MATTAR, 2017) é intenso na rotina da comunidade, pois se baseia em princípios e valores éticos e humanos, transcendendo qualquer processo de produção em massa. Vale ressaltar que a pedagogia artesã realiza-se nessa comunidade a partir do momento em que as crianças adentram as olarias para brincar ou quando são levadas pelos seus pais (ou demais familiares) e entram em contato com o barro.

A olaria em Maragogipinho é uma extensão de sua casa, de suas relações familiares. A princípio:

[...] um espaço de brincadeira, depois de contato, depois de tentativas criativas, que com o tempo se concretizam diariamente, com a finalização de uma peça. Um lugar repleto de metodologias didático-pedagógicas que possibilitam a quem quer aprender a arte ceramista uma prática de observar e desenvolver peças. Além da produção de peças, princípios e valores éticos são transmitidos e compartilhados (SANTANA; BARRA, 2020, p. 24).

Nesse cenário, manter a tradição ceramista e os herdeiros na comunidade é um trabalho difícil e árduo; além disso, ser reconhecido como mestre na comunidade é orgulho de poucos e é na coletividade de no mínimo quatro mãos, que visualizamos a luta para manter viva a tradição ceramista deste lugar.

Seu Nené é um exímio artesão. Ele deu continuidade à difusão do saber fazer do barro e até hoje compartilha o seu ofício com novos ceramistas da comunidade. Ele mesmo afirma que ensinou a muitos, o que o torna um artesão que contribui ativamente com a vivência de um artesanato tradicional³ que resiste ao tempo.

³ Artesanato Tradicional: a produção, geralmente de origem familiar ou comunitária, que possibilita e favorece a transferência de conhecimentos de técnicas, processos e desenhos originais, cuja importância e cujo valor cultural decorrem do fato de preservar a memória cultural de uma comunidade, transmitida de geração em geração (PAB, 2018, p. 7).

As peças de Maragogipinho levam consigo um valor histórico, cultural e social desmedido, que alcança a coletividade. Isso só é possível com base nesses contínuos ciclos de ensino e aprendizagem do labor artesão. Eles têm uma maneira de ser que faz as ruas entre as olarias serem dinâmicas, que anima as varandas das casas, que movimentam a praça: em todo o canto se vê refletido o trabalho e a paixão pelo barro.

Os encontros com o santeiro Emanuel Ismarques

Assim como aconteceu a visita à olaria de Seu Nenê, também visitei o santeiro Emanuel Ismarques em seu ateliê - casa onde ele mora desde a infância com sua mãe, seu pai e seus dois irmãos (Marcos e Polaco), um lugar carregado de afetividades e memórias. Ele costuma expor suas peças para secarem ao sol na frente da casa; após esse processo, coloca-as em um carrinho de mão e dirige-se à olaria de seus irmãos para cozer as peças sacras, todas já encomendadas, em uma jornada já de 25 anos.

Emanuel já trabalhava nas olarias desde a infância e ajudava a outros oleiros, mas nessa época ainda não trabalhava com a arte de modelar, tampouco com as imagens sacras, sendo sua função basicamente preparar uma peça na olaria e carregar a louça na cabeça (pois antigamente eles não tinham o carrinho de mão) até as casas das brunideiras, responsáveis pelo brunimento e, em alguns casos, pelas pinturas. Nas várias tentativas e experiências com a argila, entre acertos e erros de moldar o barro, é que a aprendizagem se concretiza.

No percurso da pesquisa e nos diálogos com esses artesãos percebi que o processo de produção das peças implica a prática física (o fazer) e a performance (ser), expressas por meio de diferentes maneiras de ensino-aprendizagem. Desse modo, a atividade artesã é um conjunto de elementos que prescindem as questões identitárias, como também as interações concretas nas quais os artesãos se envolvem e se firmam, no campo da cerâmica, por meio da troca permanente de vivências, experiências e novos significados de saberes.

Sendo assim, é comum entre os artesãos e as artesãs de Maragogipinho trilhar caminhos de ensino-aprendizagem de distintas formas, mas a essência dessa aquisição está toda fundamentada na pedagogia artesã, porque cada tipo de peça confeccionada subentende maneiras diferentes de práticas que são adquiridas durante o processo de sistematização dos saberes e fazeres que faz de um(a) artesão/artesã um(a) mestre(a).

Ampliando aprendizados a partir das Pedagogias Culturais

Integrar a pedagogia em redes de significados associados à cultura, à política e ao poder fornece uma base teórica que contribui para a discussão de como as relações de ensino e aprendizagem apresentam e marcam múltiplas e diversas dimensões da vida (ANDRADE; COSTA, 2015, p. 2). A concepção de pedagogias culturais surge a partir dessa visão e da necessidade de debater e ao mesmo tempo dialogar a relação entre métodos educativos e materiais da cultura.

Comungamos da mesma ideia de Andrade (2015), em que afirma que para Steinberg (1997), as pedagogias culturais inferem em quaisquer espaços em que haja organização de poder e exercício do mesmo pode ser entendido como locais pedagógicos. Conceitualmente, ostenta-se novas maneiras de visualizar, de se refletir sobre a própria Pedagogia, universalizante, para enunciar saberes diversos, sobre essas incontáveis experiências e os distintos meios (modos) que nos qualificam e nos constituem como sujeitos, em meio à diversidade étnica, epistêmica, estética, na aldeia global, tal como o mundo se tornou no século XXI.

Assim, na prática cotidiana da comunidade, mostra-se marcante o exercício da “Pedagogia artesã” (ALVARES, 2015, 2019; ANDRADE; COSTA, 2015, 2019; PEDAGOGIA..., 2017). Um distrito repleto de metodologias didático-pedagógicas que permitem a quem quer aprender a arte do barro uma prática de observar e criar peças. A transmissão de geração em geração do patrimônio cultural (material e imaterial) de Maragogipinho é continuamente recriada dentro dessa comunidade, por meio de histórias de lutas e resistências.

Apresentação dos produtos educacionais confeccionados em co-autoria

Neste item, farei uma breve descrição do processo de criação e concepção do livro pedagógico “No amassar do barro: aulas-vivência e pedagogia artesã” e do livro da comunidade “No amassar do barro: livro-encontro com mestres ceramista de Maragogipinho”,

que se fundam na concepção de livro-diálogo, livro-de-artista⁴, livro-lugar (CASTRO; FONSECA, 2020), livro-memória, livro-vivo⁵ (CASTRO; FONSECA, 2020), livro-encontro (CASTRO; FONSECA, 2020), livro-colaborativo, livro-aberto, livros-objeto; livros ilustrados⁶; fotolivros; livros de viagem e de compreensões sobre as pedagogias plurais com foco na pedagogia artesã e no Encontro de Saberes.

Nesse momento inicial, meu principal instrumento de pesquisa foi o diálogo. E vale ressaltar o que entendo por esse termo, pois comungo da concepção de Paulo Freire (1997), segundo a qual o diálogo sensibiliza porque facilita a proximidade com a realidade, o que, por sua vez, promove a integração do ser humano com o outro e com o meio ambiente, não apenas uma adaptação, mas uma interação com um e outro com potencial transformador.

“No amassar do barro: aulas-vivência e pedagogia artesã” é um livro-aula composto por 11 aulas-vivência, estruturadas pensando no espaço do cartão-postal, em formato horizontal, com 12 imagens referentes a arte ceramista, a tradição e a ancestralidade presentes em Maragogipinho-BA. É um elemento pedagógico interdisciplinar e que possibilita, a partir do encontro com a obra, movimentos dentro e fora da sala de aula.

A partir dos encontros espiralares na comunidade é que acredito ter vislumbrado o livro-aula, inicialmente para ser entregue nas duas escolas da comunidade, com o propósito de motivar a prática de uma “[...] educação territorializada, que apresenta como ponto de partida e de chegada a potência da epistemologia nativa, presente na memória e na transmissão oral” (XAKRIABÁ, 2020, p. 09).

Tudo nos duas obras aqui gira em torno do corpo específico de cada artesão, da sua intimidade com o barro, em que as memórias e frentes de resistência nascem, a partir das suas lutas cotidianas para a permanência dos saberes e fazeres artesanais. O livro *Kijêtxawê Zabelê: aldeia Kai*⁷ (2019) foi a nossa referência principal.

O segundo livro “No amassar do barro: livro-encontro com mestres ceramista de Maragogipinho”, é uma obra composta por imagens duplicadas de elementos variados que compõem a comunidade de Maragogipinho, em formato de cartão postal. A intencionalidade desse livro, composto pela mesma série de 12 imagens do livro-aula e de 20 textos (não

⁴ Referência bibliográfica de livro de artista - Escravos de Jó / Esclavos de Job / Job's slaves, de Aline Motta. Disponível em: acesso: <http://alinemotta.com/Escravos-de-Jo-Job-s-Slaves-Livro-de-Artista-Artist-Book>.

⁵ Referência bibliográfica de livro-vivo, livro-encontro, livro-lugar – Kijêtxawê Zabalê – Aldeia Kai, de Laura Castro (organização). Disponível em: <http://www.edicoeszabele.com.br/2019/02/download-do-livro.html>.

⁶ Referência bibliográfica de livros ilustrados, fotolivros, livros de viagem – Duna Editora. Disponível em: <https://dunaeditora.myportfolio.com/work>.

⁷ Link de acesso, com todas as informações sobre o Projeto que gerou o livro *Kijêtxawê Zabelê: aldeia Kai* (2019), inclusive para download do livro: http://www.edicoeszabele.com.br/?fbclid=IwAR3bLqagwBReQ_0VbE3CQapyChuRBqUPU__oPYoyrrGewxKEG0tBU6qsm0.

poéticos e poéticas), é que os sujeitos exercitem a prática do encontro, dos movimentos dentro das olarias da comunidade, de aprendizados que se alargam ao patrimônio material e imaterial da comunidade de Mestres e Mestras ceramistas de Maragogipinho/BA.

Considerações finais

A arte ceramista desse local foi alicerçada pelos seus artesãos/ artesãs por meio do contato, encontro e aprendizagem partilhada com parentes e ancestrais. Filhos e filhas dessa comunidade milenar, que dominam os saberes tradicionais do barro e são os responsáveis pela permanência viva dessa tradição. As peças se consolidam no espaço e transcendem esse lugar, tornando-se patrimônio material e imaterial, construção de produtos e de saberes, arte e epistemologia de Maragogipinho.

O professor José Jorge de Carvalho (2016; 2019) é um dos especialistas que auxilia a fundamentar essa concepção de decolonialidade de saberes. Interpretou-se a experiência em Maragogipinho como sendo exemplo de uma pesquisa-ensino-criação, na qual os artesãos e as artesãs assumiram seu papel de mestres e mestras de Notório Saber. Conclui-se que, para que haja encontro, é necessária a preservação das diferenças e, na vivência formativa, na experiência educativa, do múltiplo e da diversidade metamorfoseada. De fato, as 206 olarias registradas pelo município possuem suas trincheiras ancestrais abertas e ocupam os seus espaços de luta.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Nova cartografia social: territorialidades específicas e politização da consciência das fronteiras. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; JÚNIOR, Emmanuel de Almeida Farias (org.). **Povos e comunidades tradicionais: nova cartografia social**. Manaus: UEA Edições, 2013. p. 157-173. Disponível em: <https://www.ppgcspa.uema.br/wp-content/uploads/2015/07/Catalogo-Povos-Comunidades-Tradicionais-1.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2020.

ALVARES, Sonia Carbonell. A pedagogia artesã como práxis educativa em culturas populares tradicionais. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 45, e186330, p. 1-22, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201945186330>. Acesso em: 26 abr. 2020.

ALVARES, Sonia Carbonell. **Maragogipinho — as vozes do barro**: práxis educativa em culturas populares. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em:

https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-11052016-163601/publico/SONIA_CARBONELL.pdf. Acesso em: 26 jul. 2019.

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Cristina Vorraber. Usos e possibilidades do conceito pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. **Textura** — Revista de Educação e Letras, Canoas, v. 17, n. 34, p. 48-63, maio/ago. 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1501/1140>. Acesso em: 3 fev. 2020.

ASANTE, Moléfi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.

CARDOSO, Maria Luiza Marques; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Contribuições da cartografia para a produção de uma ciência nômade. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 6-25, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/79933/55472>. Acesso em: 16 jun. 2021.

CARVALHO, José Jorge de. Encontro de saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019. p. 79-106.

CARVALHO, José Jorge de. Sobre o notório saber dos mestres tradicionais nas instituições de ensino superior e de pesquisa. **Cadernos de inclusão**, Brasília, n. 8, p. 5-13, jun. 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/32031927/SOBRE_O_NOT%C3%93RIO_SABER_DOS_MESTRES_TRADICIONAIS_NAS_INSTITUI%C3%87%C3%95ES_DE_ENSINO_SUPERIOR_E_DE_PESQUISA?auto=download. Acesso em: 15 abr. 2020.

CASTRO, Laura; FONSECA, Carolina. O livro didático como ativação de saberes vivos Pataxó. **Abatirá**, Eunápolis, v. 1, n. 2, p. 308-328, jul./dez, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/9638>. Acesso em: 18 ago. 2021.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’. [Entrevista cedida a] Juliana Domingos de Lima. **Nexo Jornal**, São Paulo, 26 maio 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acesso em: 10 set. 2020.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (org.). **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Editora do CCTA, 2005. p. 219-229.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MATTAR, Sumaya. **Pedagogia artesã e ensino da arte no universo da cerâmica**. Disponível em: <https://www2.unesp.br/portal#/noticia/27349/pedagogia-artesa-e-ensinoda-arte-no-universo-da-ceramica/>. Acesso em: 08 de Maio 2020.

PEDAGOGIA artesã e ensino da arte no universo da cerâmica: lições de Shoko e Izabel. Palestra de Sumaya Mattar discute lições de Shoko e Izabel. **Unesp**, São Paulo, 29 maio 2017. Disponível em: <https://www2.unesp.br/portal#!/noticia/27349/pedagogia-artesa-e-ensino-da-arte-no-universo-da-ceramica/>. Acesso em: 8 maio 2020.

SANTANA, Joseane Costa; BARRA, Cynthia de Cássia Santos. **A pedagogia artesã de Maragogipinho**: experiências de autoria poética. Boitatá, Londrina, n. 29, p. 12-30, jan./jun. 2020. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/index>. Acesso em: 29 nov. 2020.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica — a experiência do dizer. **Fractal**, Niterói, v. 25, n. 2, p. 299-322, ago. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200006>. Acesso em: 20 abr. 2020.

XAKRIABÁ, Célia. **Amansar o giz**. Piseagrama, Belo Horizonte, n. 14, p. 110-117, 2020. Disponível em: <https://piseagrama.org/amansar-o-giz/>. Acesso em: 15 set. 2021.